

A *civitas* de Viseu n' O *Arqueólogo Português*

João L. Inês Vaz*

Resumo

O *Arqueólogo Português* é um vasto repositório de estudos e informações sobre todo o país. O autor faz uma síntese de todos os artigos sobre o Distrito de Viseu publicados na 1.^a Série e aproveita para confirmar as informações ali existentes e fazer a revisão das inscrições publicadas, comparando com o estado actual das mesmas estações e dando a sua própria leitura das inscrições, quando é caso disso.

Résumé

O *Arqueólogo Português* est un ensemble d'études et d'informations sur tout le pays. L'auteur fait une synthèse de tous les articles sur le "Distrito de Viseu" publiés dans la première série et il profite pour confirmer les informations y existantes. Cela lui permet de faire la révision des inscriptions publiées, en leur donnant une nouvelle lecture, original, dans quelques cas.

* Arqueólogo.

José Leite de Vasconcelos percorreu incansavelmente todo o território nacional em busca de elementos para encher o seu Museu de Belém, em Lisboa, e foi publicando os dados relativos aos materiais que ia transportando para o Museu, e as informações que recolhia ou chegavam ao seu conhecimento. É por isso que o *Arqueólogo Português* é um vasto e imenso repositório de dados sobre todo o território nacional.

Tirando uma ou outra excepção, Leite de Vasconcelos foi exímio na transmissão das informações que nos deixou, descrevendo sempre os lugares que visitou e identificando aqueles de que apenas tinha conhecimento longínquo. O cotejo destas informações é fundamental para todo o investigador que queira escrever sobre arqueologia de qualquer zona do país.

Se a metodologia de encher um vasto edifício de objectos é criticável à luz da mentalidade actual, temos que ter em conta que essa era a política oficial do tempo, corporizada por Leite de Vasconcelos. Apesar da política de Museus ser hoje bem diferente, é pena que muitos objectos que ali continuam guardados não sejam devolvidos aos seus lugares de origem desde que existam museus locais que os possam receber. Seria uma forma de resolver o problema da superlotação das caves do Museu de Belém, de enriquecer os museus locais e de facilitar a vida ao investigador.

A área da *civitas* de Viseu não foi excepção nas visitas de Leite de Vasconcelos. Daqui levou para Lisboa variados materiais pré-históricos, castrejos e romanos e que ele referencia em várias ocasiões nas suas obras.

Ao sermos convidados a escrever neste volume do centenário d' *O Arqueólogo Português* (convite que muito nos sensibilizou e honrou) pensámos desde logo beber nos primeiros volumes deste boletim, "revisitando" os lugares que nos finais do século passado, início do actual, foram visitados ou descritos por Leite de Vasconcelos.

Iremos referir-nos apenas aos materiais romanos de que se fala na I Série d' *O Arqueólogo Português*, seguindo a ordem cronológica da sua publicação, incluindo mesmo aqueles artigos que não são da autoria de Leite de Vasconcelos.

No final podemos dizer que foi uma viagem interessante que nos permitiu ver o estado actual desses lugares quando ainda existem, nos permitiu corrigir

leituras nas inscrições, acrescentar novos achados, informar ou confirmar, na maioria dos casos, aquilo que Leite de Vasconcelos escreveu há quase uma centúria de anos.

1. Logo no volume I, fascículo 8, p. 218-219, José Leite de Vasconcelos enumera alguns objectos adquiridos em 1894-1895 numa "excursão archeologica que o director do Museu fez na Beira Alta". Depois de enumerar objectos pré-históricos das orcas do Alcaide (Senhorim, Nelas), Amiais (Mangualde) e da Carvalhinha (Mangualde), enuncia alguns objectos romanos encontrados nas imediações de Água Levada (Mangualde), no sítio da Cerca e no Outeiro de Espinho (Mangualde).

O sítio da *Cerca*, volta a ser referido por Leite de Vasconcelos em 1917, no vol. XXII, p. 134-135, onde faz uma descrição do lugar. Este lugar é hoje impossível de localizar por ter sido provavelmente destruído pela instalação de uma fábrica. Pelas indicações de Leite de Vasconcelos e pela sua própria classificação estaríamos face a um castro romanizado rodeado de muralha. Leite de Vasconcelos faz mesmo um desenho do que seria a planta do castro onde apanhou muitas tégulas e ímbrices e um peso de tear. Será o peso de tear referido neste segundo artigo, o mesmo que ele referiu antes, em 1895, no vol. I? Não o sabemos e Leite de Vasconcelos não dá mais informações sobre o lugar ou sobre este objecto que levou para o Museu. Actualmente não se encontra nada, pois tudo deve ter sido destruído pela construção da fábrica.

2. No vol. III, p. 81-86, A. Santos Rocha escreve um interessante artigo sobre "Antiguidades romanas das vizinhanças de Nelas". Começa por referir achados feitos no sítio do *Moledo*. A abundância de vestígios esparsos pelo solo, levaram-no a abrir duas sondagens, tendo descoberto um interessante lagar romano, restos de dólios, um fragmento de um *pondus* de barro, tégulas e ímbrices, cerâmicas cinzentas finas e grosseiras. Este lugar está hoje completamente destruído por surribas sucessivas, apanhando-se raros vestígios de cerâmicas dispersas pela vinha que ali continua a existir. Apesar de se localizar praticamente na área urbana actual da Vila de Nelas, foi confundido por J. Alarcão com a vizinha freguesia homónima do mesmo concelho.

Santos Rocha fala ainda de *Moledinhos*. Este lugar situa-se na Póvoa Roçada, freguesia de Nelas, um pouco a sul do Moledo. Os vestígios apontados seriam iguais aos deste. Neste lugar existem hoje terras de sementeira e matas, sendo difícil apanhar ali quaisquer vestígios como os indicados por Santos Rocha.

As terras de Senhorim chamaram mais a atenção de Santos Rocha que aqui se deve ter demorado durante bastante tempo ali apontando a *Ponte da Igreja* e a *Terra do Fidalgo*. No primeiro lugar existiria um *torcularium*, mós redondas e fragmentos de telhas de rebordo. Se esta for a estação que identificamos como *Igreja* (Vaz, 1993, p. 77-78), localiza-se numa encosta suave onde se cultivava a vinha e árvores de fruto. Nos terrenos apanham-se muitos fragmentos de cerâmicas domésticas, salientando-se a cerâmica cinzenta e *sigillata*, tudo muito fragmentado. Mesmo em frente da igreja paroquial há um peso de lagar que serve de base a um cruzeiro e que pensamos que seria a peça do lagar a que se referia Santos Rocha no seu artigo.

Não sabemos a que estação quer Santos Rocha referir-se quando fala de *Terra do Fidalgo*. Serão os terrenos situados junto à igreja que já descrevemos? Cremos bem que sim, pois não encontramos ali vestígios de outra estação romana.

O Dr. Santos Rocha refere-se depois a vestígios aparecidos em *Vila Ruiva*, numa terra de Manuel Marques do Amaral, onde teriam aparecido duas mós e um vaso. Não cita, no entanto, o microtopónimo, pelo que hoje não se consegue localizar nenhum lugar com vestígios romanos em Vila Ruiva.

No último parágrafo do seu texto, fala de uma outra estação romana em Vilar Seco. Em Vilar Seco conhecem-se actualmente dois lugares onde aparecem vestígios iguais aos referidos por Santos Rocha, no sítio do *Prado* e na *Quinta do Serrado*. A qual deles o autor se quer referir? Pensamos que será ao segundo lugar, já que esta quinta foi da família Amaral referida por Santos Rocha. Trata-se de uma quinta hoje bem cultivada e com arroteamentos recentes que puseram a descoberto muitos vestígios de materiais de construção, tégulas e ímbrices. No extremo oriental da quinta existem duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha. Estaremos face a um *habitat* romano-medieval que não se poderá definir melhor pois os poucos vestígios aparecidos não o permitem. O artigo de Santos Rocha que acabamos de analisar revela-se importante para o concelho de Nelas pois que pela primeira vez foram dadas a conhecer várias estações romanas do concelho que foi pena não terem merecido a atenção dos arqueólogos até aos nossos dias.

3. No vol. V, 1899-1900, Leite de Vasconcelos publica um importante artigo que intitula *Analecta Epigraphica Lusitano-Romana. I. As inscrições da Quinta da Insoa* (p. 138-143). Faz a análise de cinco monumentos epigráficos aparecidos na Ínsua, ou antes que ele viu na Quinta da Ínsua de Penalva do Castelo, quando ali passou as "férias grandes de 1896". A primeira inscrição é a inscrição *CIL II 415* que ele republica para corrigir um pequeno erro cometido aquando da primeira publicação.

Medidas: 87x56x25.

Campo epigráfico: 71x41.

TIRO · G[A]LLI · F(ilius) AN(norvm) · XIII (tredecim) H(ic) · S(itus) · E(st) D(ic) · R(ogo) · P(raeterriens) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis).

Aqui jaz Tirão, filho de Galo, de treze anos. Rogo-te, ó transeunte, que digas: que a terra te seja leve.

Letras: 8, 5-9.

Esta inscrição está hoje no quintal da Casa do Adro em Viseu, sede da Assembleia Distrital e veio para Viseu para integrar o Museu da Assembleia Distrital que nunca chegou a ser constituído. A leitura de Leite de Vasconcelos é perfeita pelo que nos dispensamos outros comentários.

A segunda inscrição estudada por Leite de Vasconcelos está hoje nos claustros do Museu de Grão Vasco onde não tem número de entrada como, aliás, a maioria das peças deste museu.

Dimensões: 104x48x30,5.
 Campo epigráfico: 85,5x30,5.

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) · RVFO · LVCI(i filio) · AN(norum) · IX (novem) / AMOENAE · SEVERI (filiae) · AN(norum) · IV (quatuor) / PLACIDAE · CALVI F(iliae) · A(norum) · XXX (triginta) / FIRMINAE · FIRMI (filiae) · A(norum) · XXXX (quadraginta) / ⁵ LVCIVS · FIRMVS [...] F(iliis) · S(uiis) · F(aciendum) C(uraverunt).

Consagrado aos deuses Manes. A Rufo, filho de Lúcio, de 9 anos; a Ameona filha de Severo, de quatro anos; a Plácida, filha de Calvo, de trinta anos; a Firmina, filha de Firmo, de quarenta anos; Lúcio, Firmo ... trataram de fazer aos seus filhos.

Letras: 1: 6; 2: 5,5; 3: 5-6; 4: 6; 5: 6.
 Espaços: 0-1.

Trata-se de uma inscrição de leitura difícil e acerca da qual já Leite de Vasconcelos diz que tinha algumas letras apagadas. À leitura de Leite de Vasconcelos acrescentamos o nome *Firmus* na última linha e FS que interpretamos por F(*iliis*) S(*uiis*).

Outra inscrição de que se trata no artigo que estamos a analisar desapareceu sem deixar rasto. Trata-se de uma estela com frontão semicircular, com “ombros”, com um rosto humano toscamente desenhado na meia-lua (Vasconcelos, 1910, p. 140-141). Talvez seja esta figura que levou o pároco de Castelo de Penalva a dizer que se tinha achado “uma estátua de pedra com uma inscrição” (Azevedo, 1897). Esta inscrição foi lida pela primeira vez por Viterbo (Elucidário, II, p. 167) e depois por Hübner (*CIL* II 421). A grande virtude de Leite de Vasconcelos foi o facto de ter deixado o desenho da epígrafe, o que não seria possível reconstituir visto que, como dissemos, a inscrição desapareceu.

Dimensões: 74x45,5x?

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) / PROCILI/AII LIBIIRT/AII RVFI / AN(norum) · L (quinquaginta) · ET / ⁵...M... PRO/CILIAI · PA / ...

Consagrado aos deuses Manes. A Procília, liberta de Rufo, de 50 anos, e ... Procília ...

Letras: 6.

Leite de Vasconcelos pensou corrigir o texto que inicialmente tinha lido, “quando eu voltar à Insoa” mas o que é certo é que nunca o fez e assim ficou-nos a leitura incompleta. A interpretação que deixamos acima é o cotejo das leituras de Leite de Vasconcelos, Hübner e Viterbo, as pessoas que devem ter visto a inscrição. Neste artigo, Leite de Vasconcelos refere-se ainda a uma outra inscrição que hoje se encontra no Museu de Grão Vasco. Trata-se de uma placa funerária de granito de grão muito fino que tem uma moldura em toda a volta constituída por um pequeno filete, gola e gola reversa. A gravação é elegante e cuidada, característica comum às inscrições da região de Penalva do Castelo.

Medidas: 50x35x13.

Campo epigráfico: 35x21.

RVFO · FVSCI · F(ilio) · A/NNORVM · XXV (*quinque et viginti*) / FVSCVS · ALBINI / FILIO · SVO ·
IIT · SIBI

A Rufo, filho de Fusco, de 25 anos. Fusco, filho de Albino fez para si e seu filho.

Letras: 1: 3,5-4; 2: 4; 3: 3,5-4,2; 4: 3,5.

Espaços: 1: 0,7; 2: 1,4; 3: 1,1-2; 4: 1-1,6; 5: 0,5-1,5.

Bem gravada e de fácil leitura, não levantou até agora qualquer problema para aqueles que sobre ela se debruçaram.

Embora Leite de Vasconcelos não se tenha apercebido da situação específica das inscrições do concelho de Penalva do Castelo, o que é certo é que é curioso assinalar neste pequeno conjunto de inscrições algumas características que as individualizam no contexto da *civitas* de Viseu. É o caso do uso frequente dos dois II a substituir a letra *E* e da onomástica que é repetitiva. O nome mais frequente é *Rufus* e os seus derivados *Rufinus* e *Rufina*, sendo os outros nomes aqui usados quase sempre de origem latina. Por outro lado, revela-se nesta zona uma romanização bastante intensa derivada certamente dos bons terrenos agrícolas que aqui existem.

4. A Cava de Viriato, em Viseu é alvo de uma notícia no vol. IX, 1904, p. 11-16. José Leite de Vasconcelos faz a transcrição de uma notícia publicada numa revista alemã de pouca ou nula importância para a história da Cava. Apenas nas palavras introdutórias Leite de Vasconcelos se limita a referir que a Cava foi ligada ao nome do famoso caudilho lusitano por uma via erudita e não por via popular, uma vez que “nem mesmo a palavra Viriato pertence à linguagem popular propriamente dita”.

Numa segunda parte refere-se a um relatório elaborado por uma comissão que visitou a Cava constituída por Maximiano de Aragão, Hippolyto Maia e José de Almeida e Silva, a quem tanto a cultura e o património viseense ficaram a dever. Esta parte reveste-se de algum interesse porque nos informa sobre o estado em que se encontrava a Cava no início do século podendo, por isso, fazer-se a comparação entre o que se passava então e o estado em que se encontra actualmente. Publica ainda uma planta da Cava.

Através das observações desta comissão verifica-se que a Cava era ainda nesta altura um monumento em razoável estado de conservação, mas em que as apropriações dos terrenos públicos continuavam. A descrição que é feita e a planta que acompanha o relatório e que é, até hoje, a planta que maior divulgação tem tido ajudou-nos, há poucos anos, a imaginar o que seriam as linhas urbanísticas do interior da Cava na época romana (Vaz, 1993, p. 474-475).

5. Em 1917, no vol. XXII, em artigo genérico intitulado *Coisas Velhas*, José Leite de Vasconcelos refere também algumas antiguidades dos concelhos de Nelas e Mangualde: sepulturas, um castro, machados de pedra polida. Interessam-nos as informações que Leite de Vasconcelos nos deixou em relação a estações romanas, como dissemos logo no início.

Perto de Santar refere o aparecimento de cerâmicas e moedas romanas. É pena não especificar mais o local, pois logo a seguir informa-nos que na *Quinta de Casal Bom* e no *Outeirinho*, lugares junto a Santar, também aparecem “telhas de rebordo”, designação que costuma aplicar às tégulas. Especifica melhor o que apareceu na *rua da Carreira*, dentro da vila de Santar: moedas de Constantino e um “cano antigo de tijolo”. Este segundo elemento designa certamente uma canalização ou esgoto de termas ou abastecimento de água. Estaria relacionada com a estação localizada em Quinta de Casal Bom ou no sítio do Outeirinho? Com efeito, parece-nos pouco crível que na actual área de Santar existisse mais que um habitat romano e por isso parece-nos que estas três estações ou pelo menos a Quinta de Casal Bom e a Rua da Carreira deveriam certamente pertencer ao mesmo habitat, uma *villa* que exploraria os ricos terrenos agrícolas da actual vila de Santar. Não fossem estas notas de Leite de Vasconcelos e hoje ninguém saberia que na Rua da Carreira apareceram os vestígios registados.

Com a designação de *Outeirinho* quererá Leite de Vasconcelos identificar o lugar do Outeiro por nós visitado e registado (Vaz, 1993, p. 76)? Por aquele nome ninguém hoje sabe dar nota deste lugar.

Em Vila Nova de Espinho, Leite de Vasconcelos regista tégulas, pesos de tear e lajes com covinhas. Ali identificámos duas estações romanas no sítio da *Tapada/Casinhbas* e *Tapada do Moinho/Salgueiro* (Vaz, 1993, p. 49-50). Será a alguma destas estações que Leite de Vasconcelos se quererá referir ao falar na *Laginba*? Não o sabemos, mas é provável que sim. Nas estações citadas aparecem os elementos referidos por Leite de Vasconcelos.

Leite de Vasconcelos regista a seguir o alto da *Senhora do Castelo* de Mangualde. Fala sobre as festividades a que teve ocasião de assistir em 8 de Setembro de 1892 e as vestígios que ali existiam naquele período e que já poucos eram: atrás da capela, “uma construção mais ou menos quadrangular, de paredes formadas por pedras lisas”. Numa dessas pedras, Leite de Vasconcelos anotou a existência de duas esculturas. Seriam siglas medievais e, portanto, seria aquela construção uma torre de um castelo? De qualquer forma existiu ali um castro e Leite de Vasconcelos regista exactamente essa informação e compara-o mesmo com o castro da Senhora do Bom Sucesso, em Chãs de Tavares de que, aliás, fala na página seguinte. Anota o aparecimento de muitas moedas romanas, mas nada mais diz sobre elas. A sua dispersão foi total e hoje conhece-se apenas uma moeda ali aparecida, do tempo de Vespasiano (Vaz, 1993, p. 60).

A Senhora do Castelo foi um castro de que hoje não restam quaisquer vestígios. As contínuas implantações de infra-estruturas naquele alto, em séculos sucessivos, levaram a que os vestígios desaparecessem completamente. Os últimos vestígios, um pequeno troço de uma muralha construída com grossos silhares no lado noroeste, foi recentemente destruído devido à implantação de uma unidade de restauração.

Em nossa opinião deveria ali situar-se um povoado chamado *Araocelum*, nome gravado numa inscrição encontrada em S. Cosmado, lugar próximo de Mangualde. Um cidadão romano de nome *Caius Caielianus Modestus* fez uma doação aos cidadãos de *Araocelum*: C(aius) CAELIANVS MODES/TVS CASTELANIS / ARAOCELENSIBVS D(ono) D(edit), reza o monumento epigráfico. Não sabemos o que foi doado aos castelões de *Araocelum* mas deveria ser algo

importante (estátua? templo?), pois foi gravada numa placa que foi encastrada no monumento doado.

Sobre a *Senhora do Bom Sucesso* refere que ali havia oitenta a cem casas rectangulares (p. 116). Será que Leite de Vasconcelos fez ali escavações ou as casas ainda se viam naquela data? Parece-nos mais esta hipótese, pois Leite de Vasconcelos refere a seguir que achou “escavando, um fragmento de vasos com ornatos...” Deixou-nos, felizmente, o desenho desse fragmento (fig. 19, p. 116) que mais não é que um fragmento da cerâmica que actualmente designamos como tipo Baiões/Santa Luzia. Desconhecendo a existência deste tipo cerâmico noutras estações, Leite de Vasconcelos limita-se a registar o desenho que certamente achou interessante a ponto de o registar.

Pensamos que o povoado ali localizado se chamaria *Castellum Nacosos*, nome derivado do nome que aparece numa ara achada na base do monte, na Quinta do Casal (Vaz, 1993, p. 282 e 426).

O alto da Senhora do Bom Sucesso continua a ser um lugar onde ainda hoje se vêem vestígios de estruturas e se apanham materiais em abundância à superfície (Vaz, 1993, p. 42-43).

A propósito da Senhora do Castelo, Leite de Vasconcelos refere várias estações da base do monte: *Vale do Moiro*, *Vale das Campas* e *Raposeira*. Exemplifica os achados da última estação com um desenho de uma *sigillata*, “feito numa fôrma” (p. 115).

Mais adiante deixa-nos uma descrição de vestígios existentes em Almeidinha, no concelho de Mangualde, onde deve ter passado o Natal de 1894, pois esteve ali em 24 de Dezembro desse ano. Viu ali tégulas, um fuste e uma base de coluna. Estes vestígios desapareceram, mas ali se continuam a encontrar as cerâmicas como as que ele regista e ali se continuam a ver as sepulturas rupestres que ele também observou.

Sem querermos discutir aqui e agora a questão da cronologia destas sepulturas, sempre diremos que, neste caso concreto, consideramos que estamos perante uma *villa* romana ou tardo-romana e medieval (Vaz, 1993, p. 52). Consideramos que sempre que este tipo de túmulos aparece ligado a vestígios indiscutivelmente romanos, nomeadamente tégulas grossas ou *sigillatas*, por exemplo, estaremos face a *villas* que continuaram a ser ocupadas na época seguinte como, aliás, continuaram a sê-lo nas épocas posteriores e, em muitos casos, até aos nossos dias. Mudam as épocas, mudam as pessoas, alteram-se os hábitos, mudam os conceitos arquitectónicos, permanecem os mesmos lugares habitados, destroem-se as construções anteriores e sobrepõem-se novas estruturas.

Na p. 135 do mesmo artigo, Leite de Vasconcelos deixa algumas notas sobre *A Cerca* localizado perto de Água Levada, Mangualde, a que já nos referimos. Um outro lugar chamado *A Bocha* onde Leite de Vasconcelos localizou tégulas e outros vestígios romanos deverá ter tido o mesmo destino. O microtopónimo desapareceu e ninguém sabe dar conta de um lugar com as características do mencionado por Leite de Vasconcelos.

Já o sítio que a seguir menciona a que chama *Olival do Mendes* é perfeitamente localizável junto à capela de S. João de Água Levada. Leite de Vasconcelos menciona ali o achamento de uma pia redonda de pedra e restos de um dólio. Actualmente, devido às surribas e às movimentações de terras provocadas pela agricultura quase nada se vê ali. Ainda assim, aparecem restos de

tégulas e cerâmicas fragmentadas e, há poucos anos, uma mó dormente. Em mais duas pequenas notas, p. 138 e 141, Leite de Vasconcelos refere o aparecimento de cerâmicas e uma moeda respectivamente na Abadia de Espinho e na Raposeira.

A *Abadia de Espinho* é um lugar plano, virado a sul, onde se praticam as culturas tradicionais da vinha, oliveira, culturas hortícolas e árvores de fruta. Localiza-se a sul da capela de Santa Luzia e ali se encontram fragmentos de tégulas. Seria daqui um fuste de coluna que se encontra a servir de base de cruzeiro em frente da capela? É essa a razão que nos leva a considerar esta estação como uma *villa*. Na Quinta da Ponte, próxima, foi encontrado um miliário que integra a "Colecção do Dr. José Coelho", pertença da Câmara Municipal de Viseu (JC 79 – 2) e próximo do cemitério há um outro (Vaz, 1993, p. 370-371).

A Raposeira é um sítio bem conhecido dos arqueólogos portugueses desde que, no século passado, Martins Sarmiento e Alberto Osório ali realizaram escavações. Nessa altura, foi encontrado aquilo a que eles chamaram uma "citânia de planície": "três salas de um hipocausto, um cunhal de habitação, encanamentos de pedra e chumbo, calçadas de pedra rolada, um segmento de grande muro circular e um edifício dividido em pequenos cubículos, afora fragmentos inumeráveis de louçaria indígena e de importação, atafonas de pedra, restos de arquitectura toscana, mármore sacaráides, ansas e ânforas, restos de telha, pavimentos de tijolo, moedas, vidros coloridos, etc." (Silva, 1978, p. 28). Pela descrição temos que concluir que se trataria de uma importante *villa*.

A presença de mármore e cerâmicas de importação só se compreende se o seu proprietário fosse um rico senhor da região. Seria a *villa* de *Caius Caielianus Modestus* a que já nos referimos a propósito da Senhora do Castelo de Mangualde? Desconhece-se o lugar exacto em que foram feitas as escavações do século passado, tal como o destino do muito espólio ali encontrado. Sabe-se que apareceu também um tesouro de moedas romanas imperiais, com moedas dos Antoninos, (Nerva, Trajano e Adriano), datável, portanto, dos finais do século I e primeira metade do II (Hipólito, 1961, p. 55).

Em 1985, foram retomadas as escavações, na sequência de sondagens de emergência devidas à abertura da Avenida da Senhora do Castelo. Terá sido em lugar diferente do inicial, pelo menos a avaliar pela pobreza dos materiais encontrados, comparados com os primeiros achados e, por outro lado, é certo que a estratigrafia de um lugar remexido não seria idêntica à que tem sido detectada nas escavações em curso. Descobriram-se, até ao momento, o hipocausto e o prefúrnio de umas termas, condutas de água, o *caldarium* e o *tepidarium*. Houve reformulações ou mesmo mudança funcional do lugar, pois no *frigidarium* as estruturas sofreram profundas alterações (Portas, 1989, p. 372). Do espólio encontrado salientam-se fragmentos de *sigillata* sudgálica, um deles com marca, *sigillata* marmoreada, *sigillata* hispânica, cinzenta fina e outros tipos (Portas, 1989, p. 372). Este conjunto termal parece ter sido ocupado entre o último decénio do século I a. C. e o século IV d. C.

6. No vol. XXIV, relativo aos anos de 1919 e 1920, em continuação do artigo anterior e por isso com o mesmo título de *Coisas Velhas*, Leite de Vasconcelos continua a publicar algumas notas de uma "excursão arqueológica pela Beira Alta e Beira Baixa" (p. 215-229). A primeira nota respeitante à nossa área é sobre duas inscrições aparecidas em Ínfias. Transcreve a inscrição que estava na

fachada da igreja de Ínfias e uma outra que teria adquirido para o Museu de Belém.

Dimensões: 40x26.

DEO / MERCVRI[O] / APONEVS / SOSVMV[S] / A(nimo) · L(ibens) · V(otum) · S(olvit) .

Ao deus Mercúrio, Apónio Sósimo, cumpriu o voto de bom grado.

Letras: 1: 4,3-4,5; 2: 4,5; 3: 4-4,5; 4: 4; 5: 5.

Espaços: 1: 4,3-4,5; 2: 4,5; 3: 0,3-1; 4: 0,3-1; 5: 0,5-1,5; 6: 8,5.

Leite de Vasconcelos diverge da leitura que damos acima apenas na segunda linha onde vemos um E não um I, como ele leu. Esta inscrição está ainda hoje embutida na fachada da igreja de Ínfias.

A segunda inscrição estava “numa casa de José Chagas, e tempos depois obtive-a para o Museu Etnológico, onde hoje se encontra”. Trata-se de uma lápide funerária já referida por vários autores, o mais antigo dos quais, Viterbo (1984, II, p. 319), dá uma transcrição exacta.

D(ii)s M(anibus) S(acrum) / MARCVS / MARCIN/I · F(ilius) · AN(norum) · LX (sexaginta) / CILIIA / VXOR [...]

Consagrado aos deuses Manes. A mulher, Cílea, (fez esta lápide) a Marco, filho de Marcino, de 60 anos.

Leite de Vasconcelos lê na quarta linha um N em vez de AN. No entanto, a versão que nos foi deixada por Viterbo é mais credível e mais lógica, pelo que deverá ser esta a reter-se. Procurámos esta inscrição no Museu mas não conseguimos localizá-la.

Neste artigo, Leite de Vasconcelos refere ainda uma outra inscrição da Matança. Apesar de não dizer, como é, aliás, seu hábito que recolheu a inscrição, mas que a viu num pátio de uma casa, o que é certo é que Scarlet Lambrino refere-a entre as inscrições inéditas do Museu de Belém e indica-a como proveniente de Matança, do concelho de Idanha-a-Nova. No entanto, o contexto em que Leite de Vasconcelos a ela se refere não deixa lugar a dúvidas.

A estela estava dividida em três partes. O frontão deveria ter um crescente lunar e o campo epigráfico estava dividido a meio, separando-se os dados relativos aos defuntos dos da mãe consagrante. Está fracturada de ambos os lados e na parte inferior, afectando sobretudo a última linha.

Medidas: 86x46x21.

[...]ANVS / · I · TAI F(ilio) AN(orum) / XXV (quinque et viginti) CAMI / RAII TAI · F(iliae) / AN(norum) XVI (sedecim) / TONGETA / ARANTON[I](i) / F(ilia) | MATER.

A mãe Tongeta, filha de Arantónio, a ..., filho de Tao de 25 anos, a Camira, filha de Taio, de 16 anos.

Refere ainda que na Matança teriam aparecido um denário e fragmentos de tégulas. Figueiredo (1953, p. 41) refere uma via romana de que não restam quaisquer vestígios. Falando desta povoação, Alarcão (1988, p. 60) acrescenta o achado de elementos arquitectónicos, “capitéis e bases de coluna, cerâmica doméstica e mós, segundo informação de F. Curado”. Diz-se também que as pontes da povoação são romanas. Temos, pois, várias fontes de informação que se referem a achados na Matança. Se os elementos encontrados por Leite de Vasconcelos são a prova concludente da romanização da Matança, nada mais sabemos, pois actualmente não encontramos ninguém que saiba dar conta do lugar onde apareceram estes achados ou qual o seu paradeiro.

Logo a seguir (p. 220) Leite de Vasconcelos fala de vestígios aparecidos na *Quinta da Aveleira* ou *Avelora*, concelho Fornos de Algodres. Pela forma como se refere a esta quinta parece que a não terá visitado, mas baseou-se em informações fornecidas oralmente por alguém. Pedras aparelhadas romanas, cerâmicas, instrumentos de ferro, fustes, bases e capitéis de colunas e, ainda, mós manúarias redondas são alguns dos achados que ali se têm feito.

A *Quinta de Goje* é objecto de uma breve nota inserida a seguir. Leite de Vasconcelos diz “que aparecem por aí com frequência tégulas (fragmentos) e moedas romanas”. Mais tarde, noutra obra, vai acrescentar que nesta quinta se acharam “fragmentos de tégulas e moedas romanas”; e que “lá existem ainda uns capitéis, que têm provavelmente a mesma origem” (Vasconcelos, 1927, p. 129). Levou para o Museu Nacional de Arqueologia (E.: 6171) uma pequena urna de calcário que tem a mesma origem.

A confirmar a romanização desta Quinta há notícia de uma inscrição que foi vista e copiada por Berardo (1857, p. 8). Actualmente, toda a quinta foi profundamente surribada com máquinas e o terreno é barrento e xistoso pelo que se torna extremamente difícil encontrar qualquer fragmento cerâmico. Segundo informação do actual proprietário, há um microtopónimo dentro da quinta a que chamam o “Olival da Capela” onde apareceu muita pedra miúda ao fazer-se a surriba: seria nesta zona que ficava a estação romana? Os capitéis que Leite de Vasconcelos viu e desenhou desapareceram.

Fala depois sobre a Silvã, de Cima e de Baixo, do concelho de Sátão. Deixa nota sobre várias antiguidades, mas há uma pequena nota sobre um sítio com tégulas, entre a Silvã e o Avelal, a “uns hectómetros da Silvã, em direcção ao Avelal” (p. 221). Pensamos que Leite de Vasconcelos se quererá referir à estação arqueológica localizada na *Quinta das Chedas*, na Silvã de Cima.

Mendes Correia (1916, p. 337) refere que ali teriam aparecido uma ara, capitéis, um peso de tear e moedas, sendo uma delas de Maximiano. Nas visitas que ali fizemos não conseguimos localizar tais achados. Nos muros das propriedades há muitas pedras que foram desenterradas da estação: uma soleira de porta e uma pedra com um sulco, talvez de um lagar. Um peso de lagar, aliás, serve de base de umas alminhas e na Casa Grande da Silvã guarda-se também a pia de um lagar. Há ainda duas pias que foram desenterradas onde hoje é a vinha. Serão tudo peças de um lagar da *villa* que ali se localizava, certamente. Pelos terrenos apanham-se muitas cerâmicas domésticas, incluindo *sigillata* e cinzenta fina. Onde aparece mais tégula e ímbrices é na parte mais alta, onde acaba a vinha e começa o pinhal. No próprio pinhal apanham-se restos de *dollia*. Têm sido desenterrados com frequência mós e pesos de pedra.

Na p. 222, refere “muitos fragmentos de tegulas e pesos de barro romanos” em Lamas de Ferreira d'Aves. No lugar de Lamas, não se localiza nada actualmente. Na freguesia de Ferreira d'Aves conhecem-se cinco estações arqueológicas com vestígios romanos (Vaz, 1993, p. 118-122) mas nenhuma se localiza em terrenos da povoação de Lamas. Teria Leite de Vasconcelos confundido os terrenos de Lamas com os do Castelo, por exemplo? Parece-nos a hipótese mais provável.

Confusão existe na identificação do lugar a seguir. Leite de Vasconcelos chama-lhe Ourivos, lugar de Vila Boa e limite de Decermilo. Ora, este lugar é *Ourigos* e fica efectivamente na freguesia de Decermilo e não na de Ferreira d'Aves, concelho de Sátão. A maioria dos vestígios de tégulas e cerâmicas estão no lugar da *Cerca*. Aqui, os terrenos são de cultivo, com água abundante, bastante planos e localizam-se mesmo à beira dos pinhais e da estrada actual antes de chegar ao Mosteiro. À superfície, apanha-se cerâmica doméstica romana, tégulas e ímbrices, tudo muito desfeito pelo cultivo dos terrenos. Há sete sepulturas escavadas na rocha, já na parte designada como Ourigos.

7. No volume XXVIII, relativo aos anos de 1927-1929, Leite de Vasconcelos publica um artigo intitulado *Epigrafia do Museu Etnológico (Belem) – Inscricões romanas*, onde refere algumas inscrições da área da *civitas* de Viseu. É um artigo interessante em que se vêem as preocupações pedagógicas de Leite de Vasconcelos pois, pretendendo que o seu artigo possa ser lido por todos, “o comum dos leitores portugueses”, faz no início uma listagem das abreviaturas mais frequentes nas inscrições romanas.

A inscrição n.º 2 que transcreve é uma inscrição de Canas de Senhorim. É uma ara aparecida num sítio chamado *Olival Grande*, da Casa Abreu Madeira, em 1930. A parte superior da ara, onde deveria estar o fôculo, não parece ter sido desbastada, pois apresenta a pedra rude original. Tem gola reversa e um pequeno filete a separar o capitel do fuste. A base separa-se por um pequeno ressalto e tem gola reversa.

Medidas: 67×21×21.

DOQV/IRVS / CELTI(i) F(ilius) / V(otum) · F(ecit)

Doqui, filho de Céltilo, cumpriu a promessa.

Letras: 5 – 6.

Como o teónimo está omissa, Leite de Vasconcelos (1929, p 214) colocou a hipótese de estar perante um monumento funerário, interpretando a última linha como V(*ivus*) F(*ecit*). No entanto, a posterior descoberta de outros três monumentos consagrados pelo mesmo indivíduo leva a que não se possa aceitar aquela hipótese (Vaz, 1993, p. 259-264). Com efeito, num dos monumentos apreço bem expresso nome da divindade a quem se consagrava o monumento, *Besencla*. O teónimo foi omitido por o monumento se destinar a estar colocado num *lararium* familiar ou templo, juntamente com outros em que o nome da divindade estava expresso.

A inscrição n.º 23 estudada a seguir, é uma estela funerária encontrada em Viseu, na Avenida Emídio Navarro e que Leite de Vasconcelos transportou para o Museu de Belém. Como o autor não faz uma descrição exaustiva deste monumento, iremos dar as suas principais características. Trata-se de uma estela de granito de grão fino, com moldura em meia-cana, fracturada do lado direito. O campo epigráfico está ligeiramente rebaixado. As duas últimas linhas estão ainda mais rebaixadas, como se tivesse havido um erro e a pedra fosse picada sobre as linhas anteriores.

Medidas : 66x34x30.

D(iis) M(anibus) S(acrum) / FIRMIN(AE) / FIRMI F(iliae) / AN(norum) XX (viginti) / ⁵
 MODESTV(S) VXORI / F(aciendum) C(uravit).

Consagrado aos deuses Manes. Modesto tratou de fazer para sua mulher Firmina, filho de Firmo, de 20 anos.

Letras: 1: 5; 2: 4,5-5,3; 3: 5,3; 4: 5,3-5,5; 5: 5-5,3; 6: 5-5,3; 7: 5,3.

Espaços: 1: 0,5-1; 2: 1,5; 3: 1-1,5; 4: 0,7-1; 5: 0,5-1,2; 6: 1,7-2,5; 7: 0,7-1,2.

A versão mais antiga deste texto foi-nos deixada por Maximiano de Aragão (1894, II, p. 250) na sua obra sobre Viseu. Leite de Vasconcelos omite a palavra VXORI, na penúltima linha, lapso que vai corrigir na série seguinte, com o mesmo título, no vol. XXX, correspondente ao ano de 1938, p. 118. Nesta data repete a leitura anterior acrescentando-lhe a linha 4, onde a está a palavra omitida. A gravação é cuidada, tendo havido uma distribuição prévia, segundo um eixo de simetria. As letras são ligeiramente inclinadas à esquerda. Os nomes que a inscrição apresenta surgem noutras epígrafes da região. *Firmina* é um cognome latino derivado de *Firmus*, através do sufixo *-inus*. Frequente no mundo romano, aparece 203 vezes no *CIL*, sendo usado por escravos ou homens livres, senadores e mulheres (Kajanto, p. 258). O adjectivo *firmus*, de onde deriva o nome, significava inicialmente um homem de carácter forte. *Modestus* ou o seu derivado *Modestinus* aparece em Canas de Senhorim (Nelas) e S. Cosmado (Mangualde). Também é um cognome de origem latina. Atendendo ao uso da fórmula inicial, ao cuidado posto na gravação e elaboração do monumento, colocamo-lo na segunda metade do século I.

8. No volume XX, p. 125, Leite de Vasconcelos deixa-nos a leitura de outra inscrição que havia adquirido para o Museu de Belém encontrada na freguesia de Carvalhais (S. Pedro do Sul), lugar de Germinade. Germinade é uma pequena povoação rodeada de pinhais e localizada numa encosta virada a sudoeste. Ali apareceram duas inscrições funerárias, numa necrópole que tinha pelo menos sete sepulturas. (Vaz, 1993, p. 291 e 314-342). A necrópole pressupõe a existência de um núcleo povoado. Estaria o núcleo populacional situado ligeiramente acima da necrópole, mais na encosta, em lugar hoje coberto de pinhais? Assim cremos, tanto mais que na construção de casas próximo do sítio onde dizem que estavam as sepulturas têm aparecido outros vestígios (um *dollium* e tégulas, por exemplo) enquanto que nos terrenos agrícolas situados no vale, não apareceram vestígios de construções ou sequer cerâmicas.

O monumento referido por Leite de Vasconcelos é uma placa de granito, com forma rectangular fracturada na parte inferior. As letras estão muito levemente gravadas. Foi encontrada juntamente com outra placa na mesma necrópole (Girão, 1924, p. 249).

SIIRIINIS / AVRELIVS / ...X...

Sereno Aurélio (?)...

Leite de Vasconcelos lê na primeira linha Sereni S(ervus). Os dois II estão inclusos nas outras letras. Saliente-se o E grafado com dois II. O R parece feito a partir do P e tem a haste oblíqua muito prolongada. O A assemelha-se ao cursivo pompeiano. Note-se ainda o nexa VS, em Aurelius. Serenis poderá ser uma variante de Serenus, cognome latino que, inicialmente, indica características do carácter (Kajanto, 1962, p. 261). É estranha a utilização de dois nominativos e, além disso, com o gentílico no lugar do cognome e vice-versa. Estaremos face a uma utilização irregular de dois cognomes nomes latinos, como acontece noutras inscrições da região (Vaz, 1993, p. 241)? Tendo em atenção a paleografia e o uso do nominativo, colocamos esta placa na segunda metade do séc. I d. C.

Leite de Vasconcelos, incansável no labor em prol do “seu Museu” percorreu a civitas de Viseu rebuscando nas velhas quintas solarengas os vestígios guardados do passado, desenterrando ruínas e objectos, interpretando inscrições, caminhando ora a pé, ora a cavalo, pelas veredas e carreiros dos nossos campos, coligindo informações que são para nós precioso auxiliar e valioso vade mecum nos caminhos da investigação.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster. vol. 2

ARAGÃO, M. de (1894) – *Vizeu, Apontamentos Históricos*. Viseu. tomo I.

AZEVEDO, P. A. de (1897) – Extractos das Memórias parochiais de 1758. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 3.

BERARDO, J. O. (1857) – Memórias sobre algumas inscrições encontradas no distrito de Viseu. *História e Memórias da Academia Real das Ciências*. Lisboa. tomo II.

CORREIA, A. A. M. (1916) – Sobre alguns objectos proto-históricos e lusitano-romanos de Alpiarça e Silvã. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 21, p. 331-337.

FIGUEIREDO, M. de (1952-1953) – Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras. *Beira Alta*. Viseu. XI. 4, p. 299-330; XII, 1, p. 27-63; XII, 2 e 3, p. 153-206.

GIRÃO, A. A. (1924) – Amorim Girão – necrópole romana de Germinade, S. Pedro do Sul. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 26, p. 249-251.

KAJANTO, I. (1982) – *Latin Cognomina*. Helsinquia. reedição.

PORTAS, C. (1989) – Termas romanas da citânia da Raposeira – Mangualde. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu. p. 371-378.

ROCHA, A. dos S. (1897) – Antiguidades romanas das vizinhanças de Nelas.

- O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 3, p. 81-86.
- SILVA, V. da (1978) – *Concelbo de Mangualde – antigo concelbo de Azurara da Beira*. Viseu. reedição.
- VASCONCELOS, J. L. de (1890) – Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa. *O Dia*. Lisboa. 980-981. 28 e 29 de Outubro.
- VASCONCELOS, J. L. de (1895) – Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 1, p. 218-222.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897) – Coisas Velhas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 2, p. 107-169.
- VASCONCELOS, J. L. de (1900) – Anacleta Epigraphica Lusitano-romana – Inscricões da Quinta da Insua. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 4, p. 139-142.
- VASCONCELOS, J. L. de (1904) – A Cava de Viriato. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 9, p. 11-16.
- VASCONCELOS, J. L. de (1910) – Anacleta Archaeologica – Pondus de barro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 15, p. 321-328.
- VASCONCELOS, J. L. de (1913) – *Deuses da Lusitânia – resposta às fantasias de um Censor*. Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. de (1917) – Coisas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. S.1. 22, p. 107-169.
- VASCONCELOS, J. L. de (1920) – Coisas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. S. 1. 24, p. 215-237, 319.
- VASCONCELOS, J. L. de (1927-1929) – Epigrafia do Museu Etnológico, Belém. Inscricões romanas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 28, p. 9-227.
- VASCONCELOS, J. L. de (1938) – Epigrafia do Museu Etnológico, Belém. Inscricões romanas. *O Arqueólogo Português*. S. 1. 30, p. 118-125.
- VAZ, J. L. I. (1993) – *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*. Viseu. Tese de doutoramento policopiada.